

A VIOLÊNCIA E A MEMÓRIA NA LITERATURA DE MATO GROSSO DO SUL: AS CONFLUÊNCIAS NAS OBRAS DE AGLAY TRINDADE NANTES, TANIA SOUZA E GLEYCIELLI NONATO

VIOLENCE AND MEMORY IN THE LITERATURE OF
MATO GROSSO DO SUL: CONFLUENCES IN THE
WORKS OF AGLAY TRINDADE NANTES, TANIA
SOUZA AND GLECYIELLI NONATO

Melly Fatima Goes Sena

Doutora em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Brasil. Gestora de Atividades Culturais na Fundação de Cultura do Estado de Mato Grosso do Sul - Brasil.

E-mail: mellysena@gmail.com

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-9544-3036>

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo trazer à discussão o que foi silenciado no que tange à literatura de autoria feminina produzida em Mato Grosso do Sul, tendo por corpora textos produzidos por três autoras desse lugar geográfico. Dois aspectos imbricam-se, a saber: a violência e a memória que confluem nas obras de Raquel Naveira, Aglay Trindade, Tania Souza e Gleycieli Nonato, cujos textos selecionados nos apresentam uma visão da historiografia constituinte do estado de Mato Grosso do Sul, a partir da memória da Guerra do Paraguai/Grande Guerra na literatura de Mato Grosso do Sul, focando nas obras das escritoras Aglay Trindade Nantes, Tania Souza e Gleycieli Nonato. A Guerra do Paraguai é discutida como um evento constituinte do território sul-mato-grossense, influenciando a identidade regional. As obras das autoras selecionadas exploram as intersecções entre violência e memória, dando voz a perspectivas diversas sobre o conflito. Gleycieli Nonato retrata o impacto da guerra na comunidade de Vila Pequena, enquanto Tania Souza apresenta os traumas de um soldado brasileiro desertor. Aglay Trindade Nantes aborda a opressão contra os brasileiros que fugiam da guerra, destacando as consequências psicológicas da violência. Essas obras contribuem para recontar e ressignificar a memória coletiva da guerra, proporcionando novas perspectivas sobre o passado histórico da região. Através dessas narrativas, as autoras revisitam a história regional e exploram os traumas e as injustiças da guerra, expondo uma dor coletiva muitas vezes negligenciada.

Palavras-chave: violência; memória; literatura sul-mato-grossense.

ABSTRACT: This work aims to bring to discussion what has been silenced regarding female-authored literature produced in Mato Grosso do Sul, focusing on texts produced by three authors from this geographical location. Two intertwined aspects are at play: violence and memory, which converge in the works of Raquel Naveira, Aglay Trindade, Tania Souza, and Gleycieli Nonato, whose selected texts provide us with a view of the historiography constituting the state of Mato Grosso do Sul,

stemming from the memory of the Paraguayan War/Grand War in the literature of Mato Grosso do Sul, focusing on the works of the writers Aglay Trindade Nantes, Tania Souza, and Gleycieli Nonato. The Paraguayan War is discussed as a constituent event of the Mato Grosso do Sul territory, influencing regional identity. The works of the selected authors explore the intersections between violence and memory, giving voice to diverse perspectives on the conflict. Gleycieli Nonato portrays the impact of the war on the community of Vila Pequena, while Tania Souza presents the traumas of a deserter Brazilian soldier. Aglay Trindade Nantes addresses the oppression against Brazilians fleeing from the war, highlighting the psychological consequences of violence. These works contribute to retelling and resignifying the collective memory of the war, providing new perspectives on the region's historical past. Through these narratives, the authors revisit regional history and explore the traumas and injustices of the war, exposing a collective pain often neglected.

Keywords: violence; memory; Mato Grosso do Sul literature.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho nasce a partir de reflexões sobre a escrita de mulheres em Mato Grosso do Sul. A pesquisa tem como objetivo realizar um breve mapeamento das escritoras do Estado. Inicialmente, deparamo-nos com a dificuldade em identificar um número significativo de autoras presentes nas obras de referência sobre a literatura do Estado, especialmente aquelas produzidas por Pontes (1982), Rosa e Xavier (2011), Sena e Pelegrini (2014).

Apesar do reduzido número de escritoras mencionadas em obras de referência, como

História da literatura sul-mato-grossense (1982), de autoria de José Couto Vieira Pontes, e **A literatura sul-mato-grossense na ótica de seus construtores** (2011), escrita por Maria da Glória de Sá Rosa e Albana Xavier, a produção literária do estado tem experimentado crescimento significativo. Esse avanço é atribuído, em parte, à influência das redes sociais, à realização de concursos literários, à formação de coletivos literários e às leis de incentivo estatal, que têm facilitado o desenvolvimento da produção literária na região. Destacamos ainda que a autopublicação é o principal meio de divulgação editorial utilizado por essas mulheres, muitas vezes realizada por meio do autofinanciamento, sem o apoio de uma editora tradicional. Segundo a escritora inglesa Virginia Woolf (2014) para uma mulher que desejasse escrever ficção, seria necessário possuir dinheiro e um espaço próprio. como ainda destacado por Woolf em sua obra **Um teto todo seu**

é impensável que qualquer mulher nos dias de Shakespeare tivesse tido o dom de Shakespeare. Porque um gênio como o de Shakespeare não surgia entre pessoas trabalhadoras, sem educação formal, servis (...). Não surge hoje entre as classes trabalhadoras (Woolf,) 2014, p. 72-73).

As escritoras em MS são trabalhadoras, primordialmente professoras como é caso de duas das escritoras que abordaremos. No caso dessas escritoras, o dinheiro não se limitaria apenas à sua subsistência, mas também seria necessário para viabilizar a publicação de suas obras, buscando assim alcançar relevância e consistência no cenário literário. Outra situação com a qual nos deparamos é a escassez de produção literária indígena em um estado que, segundo dados do Censo de 2022, possui a terceira maior população indígena do

Brasil. Após pesquisas em bibliotecas públicas do estado, resultados de editais de fomentos, divulgação de eventos e redes sociais, constatamos que até 2023 apenas uma escritora indígena foi publicada em MS com obra inteira e editada, Gleycielli Nonato, autora que será apresentada neste trabalho.

Em meio a tais dificuldades de acesso para encontrar as obras dessas mulheres, nos vemos dependentes de conseguir contato direto com as autoras, de localizar a obra em bibliotecas públicas ou escolares e, às vezes, de buscar nas poucas livrarias existentes no estado. Mesmo com legislação em vigor na capital Campo Grande, que obrigue as poucas livrarias da cidade a venderem os livros de autores regionais, o trabalho para entrar em contato com essas escritoras torna-se hercúleo, como é ressaltado no prefácio da segunda edição do livro de Aglay Trindade Nantes, em que seus prefaciadores Lucia Salsa Corrêa e Valmir Batista Corrêa descrevem que a obra nasceu da persistência da escritora diante dos poucos recursos para publicação, em que “ A produção artesanal e a tiragem reduzida demonstraram as dificuldades de uma escritora iniciante (...), o grosso dos escritores ainda arca com o ônus da publicação de sua produção literária” (Nantes, 2010, p.11). Trazer essas autoras para a cena, especialmente no âmbito acadêmico, é romper com um silenciamento historicamente imposto, no qual os meios de reprodução contribuem para perpetuar essa condição. Conforme Perrot (2005, p. 10) afirma: "este silêncio imposto pela ordem simbólica não é somente o silêncio da fala, mas também o da expressão gestual ou escrita". Cabe destacar que na história da literatura sul-mato-grossense, algumas mulheres são lembradas como símbolos, como é o caso da personagem ficcional Inocência, cujo romance escrito por

Taunay com o mesmo nome é considerado uma representação regional, e a personagem real Senhorinha Barbosa Lopes, que foi retratada de um romance homônimo escrito por Samuel Medeiros. São duas personagens femininas de destaque, no entanto, foram criadas e concebidas ficcionalmente por escritores do sexo masculino. Deste modo, a escolha das autoras foi intencional, visando retirar essas mulheres do silenciamento e, possivelmente, ampliar o alcance de suas vozes para além das fronteiras do estado, uma região frequentemente considerada "fora do eixo", por não fazer parte do eixo sul-sudeste em que se proliferam editoras e a crítica literária especializada. Ainda hoje, são poucas produções literárias de MS a serem apresentadas e terem destaque no cenário nacional, além das obras de Manoel de Barros, o escritor mais conhecido de MS. Ao analisarmos os textos das autoras selecionadas, identificamos um aspecto relevante em suas obras: a abordagem da Guerra do Paraguai, um episódio que marcou indelevelmente a formação do MS. Em nosso corpus deste trabalho, examinaremos textos produzidos a partir desse contexto geográfico. Os textos selecionados de Aglay Trindade Nantes, Tania Souza e Gleycielli Nonato oferecem uma visão da historiografia constituinte de Mato Grosso do Sul, explorando as intersecções entre violência e memória.

2 A GUERRA COMO UM FATOR CONSTITUINTE DE UM TERRITÓRIO

Mato Grosso do Sul é um dos estados mais recentes do território brasileiro, completando

46 anos de existência em 2023. Apesar de sua história e discussões sobre identidade e formação parecerem recentes, a região sul do antigo Mato Grosso tem uma história marcada pela violência em disputas territoriais. Portanto, trazer à memória a guerra e a violência que ela representou é essencial para compreender a história do estado, especialmente porque esse episódio contribuiu para moldar os contornos territoriais atuais. A Guerra do Paraguai, conhecida por diversas denominações como Guerra da Tríplice Aliança, Guerra Grande, Guerra Platina, Grande Guerra e Guerra Guasu (Squinelo, 2014), reflete as diferentes ideologias pretendidas por aqueles que a nomearam. Como observa Mota (1995, p. 224), "A Guerra do Paraguai, ou a Guerra da Tríplice Aliança, ou mais propriamente a Guerra contra o Paraguai, marca indelevelmente a História Contemporânea da América Latina". O conflito teve início em 1864 e apenas chegou ao fim em março de 1870. Foi o maior conflito externo latino-americano em termos de mobilização e perdas humanas, bem como em seu impacto político e financeiro. O embate entre a Tríplice Aliança, composta pelo Brasil, Argentina e Uruguai, e o Paraguai, representou um divisor de águas na história desses países. Este episódio histórico ainda mantém sua relevância no imaginário e na memória de Mato Grosso do Sul, evidenciada pela presença constante em músicas, livros e eventos. Tais manifestações variam desde a exaltação dos feitos até críticas contemporâneas ao conflito.

A historiografia brasileira sobre a guerra reflete o contexto histórico de seus autores e passou por diferentes fases, incluindo a patriótica, a revisionista e a neorrevisionista. Apesar das mudanças ao longo do tempo, a visão predominante nos livros didáticos tendia a retratar o Brasil de forma heroica e o

Paraguai de maneira pejorativa, conforme apontado por Squinelo (2017) em sua pesquisa sobre a produção historiográfica que influenciou a elaboração dessas obras didáticas na área curricular de história que seriam utilizadas por alunos do ensino fundamental. Essa perspectiva moldou a visão de toda uma geração de brasileiros em relação à Guerra do Paraguai.

Muitos dos cidadãos brasileiros aprenderam seguindo essa linha de reflexão a idolatrar a Pátria a qual pertenciam como também os heróis que figuravam em seu panteão nacional; no contexto da Guerra aprenderam a idolatrar Duque de Caxias, Conde d'Eu, D. Pedro II, entre inúmeros outros que se relacionam ao conflito guarani; em contrapartida foram ensinados a criar certo tipo de rancor em relação aos governantes paraguaios, e o que é mais grave, um determinado tipo de preconceito em relação a tudo que se referia e se refere à nação paraguaia. Cabe ressaltar que parte desse preconceito é mantido até os dias atuais (Squinelo, 2017, p. 21).

Uma obra clássica sobre a Guerra do Paraguai é *Retirada da Laguna*, escrita por Visconde de Taunay, um jornalista enviado pelo Império brasileiro para relatar o conflito, cuja perspectiva reflete predominantemente o ponto de vista brasileiro. José do Couto Pontes (1982), ao analisar essa obra e considerar o evento como o mais significativo em termos territoriais, destaca a escolha do gênero textual adotado por Taunay para narrar a guerra, fazendo uma analogia à epopeia da "Odisseia". Ao pensar nas tipologias dos gêneros literários, Hegel divide-os em poesia épica, dramática e lírica, destacando que a poesia épica possui a violência como um elemento constitutivo (Ginzburg, 2012). Pontes resalta em sua *História da literatura sul-mato-grossense* que não nenhum escritor nascido em Mato Grosso

“soube aproveitar essa oportunidade rara de escrever uma obra de ficção tendo por base a Guerra do Paraguai”. (Pontes, 1982, p.75), no entanto, é importante notar que esta obra remonta aos primórdios da fundação do Estado de MS, e décadas depois surgiram escritoras que abordaram a Guerra do Paraguai em suas literaturas. Entre essas autoras, destacam-se Nantes, Nonato e Souza

3 AS MEMÓRIAS DA GUERRA E A VIOLÊNCIA NA PRODUÇÃO LITERÁRIAS DAS ESCRITORAS

A Literatura na América Latina transcende os relatos da história oficial ao (re)contar eventos muitas vezes apagados da memória coletiva de um povo, como é o caso da Guerra do Paraguai. Essa reflexão incide sobre a própria memória cultural, conforme descrito por Regine Robin (1995, apud Bernd, 2018), que observa as narrativas de vida ou grupos que foram compelidos ao silêncio, à repressão e ao esquecimento, escapando aos registros hegemônicos e às tentativas de apagar esses vestígios que interferem na construção identitária nacional. Alvez e André (2014) corroboram esse discurso ao refletir sobre a expressão "memórias da guerra":

Ao pensar a expressão “memórias de guerra”, estabelecemos associação mais imediata com a memória coletiva, e não com a individual. Em linhas gerais, as memórias da guerra dizem respeito às memórias de um grupo ou nação: a depender do contexto serão ressaltados feitos heróicos, valores e vitórias (é lugar comum a expressão “guerra é contada por aqueles que venceram”), ou, no extremo oposto, as

devastações, dores e traumas causadas pelo conflito” (Alves; André, 2014, p. 421).

Nesse trecho, delineamos dois paralelos importantes para nossa reflexão: o primeiro diz respeito à memória e sua transmissão, conceitos que, conforme Bernd (2018), estão intimamente associados, uma vez que o processo de rememoração encontra sentido na transmissão. Como destacado por Bernd (2018, p. 27, grifo nosso), a transmissão “pode se realizar através das narrativas que uma pessoa confia à outra, que uma geração liga a outra, que um **escritor transforma em ficção** ou que um historiador transforma em História”. Dessa forma, a memória e a transmissão dependem intrinsecamente uma da outra para existirem. Outro ponto a ser refletido diz respeito à violência, cuja base, nas guerras, reside na disputa pelo poder, como aponta Arendt (2022). De fato, conforme a pensadora, a violência é instrumental e requer uma justificativa para o fim almejado. Segundo ela, a forma definitiva do poder é a violência.

Pellegrini (2018) ainda define a violência como constitutiva da sociedade brasileira:

É inegável que a violência, por qualquer ângulo que se olhe, surge como constitutiva da cultura brasileira, como um elemento fundador a partir do qual se organiza a própria ordem social e, como consequência, a experiência criativa e a expressão simbólica, aliás como acontece com a maior parte das culturas de extração colonial. Nesse sentido, a história brasileira, transposta em temas literários, comporta uma violência de múltiplos matizes, tons e semitons, que pode ser encontrada assim desde as origens, tanto em

prosa quanto em poesia: a conquista, a ocupação, a colonização, o aniquilamento dos índios, a escravidão, as lutas pela independência, a formação das cidades e dos latifúndios, os processos de industrialização, o imperialismo, as ditaduras” (Pellegrini, 2018, p. 134).

Em uma sociedade cuja própria historiografia fundadora é marcada pela violência e pelo silenciamento de grupos como indígenas, mulheres e negros, como é o caso da sociedade brasileira, o silenciamento dos migrantes paraguaios no pós-guerra será outra marca discursiva dessa memória. Nessas construções de memória, os "heróis" são os militares, conforme definido por Mota (1995) em seus estudos sobre lugares de memória:

Os lugares da memória são bem-delineados, e a sugerem que na história dos vencedores, nas ruas de suas cidades, só há espaço para nomes como Cerro Corá, Paisandu, Hhumaitá, Riachuelo e os nem sempre bem-preparados Voluntários da Pátria. Nomes sonoros, muitos indígenas, mas que curiosamente não permitem enxergar o substrato guarani que animava um exército de 64.000 homens. A história desses silêncios precisa ser escrita, e revisitada a historiografia oficial que inundou os manuais do império e também os republicanos (Mota, 1995, p. 247).

Esses lugares de memória são revisitados nas obras de nossas autoras como é o caso de Gleycielli Nonato¹, no conto selecionado de seu livro Vila Pequena: causos, contos e lorotas.

¹ Gleycielli Nonato é indígena da etnia Guató-Pantanal/MS, ativista social e cultural, natural de Coxim Mato Grosso do Sul. Escritora, radialista, produtora cultural e atriz. Acadêmica de Licenciatura em Letras e Literatura na UFMS/CPCX. Membro da Academia de Letras do Brasil, seccional Coxim-MS, ocupando a cátedra nº 11. Autora dos livros Índia do Rio (poemas, produção independente, 2013), Vila Pequena: causos, contos e lorotas (folclore\ficção, editora LIFE, 2017). (Fonte: <https://ruidomanifesto.org/cinco-poemas-de-gleycielli-nonato>)

Gleycielli é indígena da etnia Guató² e a única escritora declaradamente indígena a ter a obra publicada até o ano de 2023. Ressaltamos o fato dela ser Guató, uma etnia que teve sua população reduzida durante a própria Guerra do Paraguai. O conto "Monte Criminoso", presente na seção "Causos", narra a história de um soldado paraguaio que, fugindo da guerra, chega à cidade de Vila Pequena. Durante o dia, ele se esconde em um morro, e à noite desce até a cidade para participar das festas. Com a chegada das tropas brasileiras, ele foge. O morro é então nomeado como "do Criminoso", tornando-se um lugar de memória para os habitantes de Vila Pequena.:

Certo dia o soldado acordou e olhou de cima do mirante e avistou as tropas chegarem à Vila. Encheu seu cantil de água, pegou suas coisas e se enfiou mato adentro fugindo; as tropas brasileiras chegaram amedrontando os moradores da pacata vila:

- Os paraguaios são inimigos, são perigosos, traidores e assassinos.

Colocaram tanto medo que algumas crianças cresceram ouvindo seus pais dizerem que não podiam ir naquela direção, que ali é o morro do criminoso o córrego é do criminoso, a estrada é do criminoso [...] (Nonato, 2017, p. 34).

A visão construída dos paraguaios como inimigos representa uma estratégia de violência simbólica contra um grupo específico. Essa construção de memória tende a vilanizar o inimigo e seus espaços, perpetuando uma narrativa que justifica a dominação e a exclusão. Nesse contexto, a literatura desempenha um papel fundamental

ao ativar essa memória de forma artística, estimulando os indivíduos a refletirem sobre os processos de lembrar e esquecer, conforme aponta Assman (2011). A representação da violência pela literatura é "necessariamente uma representação e não uma descrição, mostrando-se, por essência, da ordem da ficção. É por essa via enfim, que violência e literatura se acham tão intimamente ligadas" (Leenhardt, 1990, p. 15, grifos nossos). Os lugares de memória na literatura são retomados por Aglay Trindade Nantes em sua única obra *Morro Azul*. Como já dito, a disputa da Guerra deu os matizes territoriais do atual território de Mato Grosso do Sul,

Os morros são locais de disputas e refúgios como em o conto "Morro do Criminoso" de Gleycielli Nonato. *Morro Azul* relata a invasão dos paraguaios no interior do Mato Grosso do Sul, mais especificamente na região de Miranda, relatando histórias de vida de mulheres da região que tinham como objetivo resguardar a família e amigos em volta, nesse contexto do conflito bélico, moradores do estado (ainda Mato Grosso) se viram forçados a deixar suas terras, migrando para o Morro Azul, localizado às margens do rio Aquidauana.

Em "Morro Azul", Aglay Trindade Nantes apresenta entre seus personagens, Nhá Gervásia, uma paraguaia que vivia há muitos anos em Miranda e, numa visão aparentemente ingênua, não acreditava nos possíveis horrores que teriam sido promovidos pelos soldados paraguaios:

² Os indígenas Guató, ou índios canoeiros, residem no Pantanal em Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Bolívia. Foram considerados extintos pelo SPI (Serviço de proteção ao Índio) em 1970, quando missionários indígenas encontraram membros da etnia vivendo na periferia da cidade de Corumbá (MS) e desde então começou-se um trabalho para demarcação de território. Muito da dispersão deve-se a ter suas terras espoliadas para criação de gado por não índios. Também conhecidos por serem festeiros, tem a viola de cocho considerada o seu modo de fazer como patrimônio imaterial brasileiro.

Ela vivia há muitos anos em Miranda, ali só tinha comadres e amigas. Ela poderia convencê-los dessa verdade. Depois que os soldados provassem sua famosa chipa, veriam que ela tinha razão. E não haveria mais guerra. (Nantes, 2010, p.37)

Há a predominância no texto, da visão heroica dos brasileiros em fuga, os momentos de sobrevivência, alimentação e perigos da geografia desconhecida. Gervásia será lembrada novamente no texto, já no cenário do fim da guerra:

Comentavam penalizadas o que acontecera com Gervásia. Apesar dos tantos maridos que a paraguaia tivera, as mulheres gostavam dela. Gervásia era alegre e prestativa, sempre pronta a ajudá-las numa doença, numa festa, quando o serviço doméstico aumentava. [...] Gervásia chegava como se estivesse fazendo uma visita, “só dando uma passadinha” – dizia; e ia ficando. Conversando e rindo, ia lavando as panelas, esfregando as roupas, varrendo a casa. Por isso as mulheres, ao voltar à vila, iriam ajudá-la, dando-lhe apoio, amizade e principalmente condições para criar os filhos, que eram muitos (Nantes, 2010, p. 38)

Nesse trecho, a personagem é representada pejorativamente, ainda que tivesse reconhecido, “a tropa paraguaia a quem pretendia receber como amiga, a maltratara demais, zombara dela, apesar de devorar as três fornadas de chipa que fazia por dia” (Nantes, 2010, p.45). Reconhecendo agora

seus patrícios como os brasileiros, a personagem, apesar de “tantos maridos”, era uma mulher prestativa e que valia ao grupo de mulheres brasileiras prestar solidariedade, pelos seus serviços prestados junto à comunidade, como alguém que poderia ser incluída no grupo, ainda que na visão de Gervásia essa amizade já existia quanto “comadres e amigas”.

A violência que faz que alguém abdique de sua nacionalidade dá lugar ao remorso a favor o povo paraguaio como vemos no texto de Tania Souza³, escritora de Bela Vista, em seu conto “Eles vieram com o amanhecer”, apresenta essa visão dos soldados brasileiros desertores, consumidos pelo remorso, já nos dias finais do conflito. Aqui, o heroísmo dá lugar aos sentimentos de medo, traumas e memórias recentes:

Ah, a guerra! E o poder do seu chamado. **Fiz do poncho a minha arma e proteção.** Pensava talvez que fosse uma ilusão, ainda assim, agarrava-me a escuridão protetora. Naquela última viagem, perdemos mais companheiros a cada ataque e, quando a noite chegava, mais um desertava até que, por fim, apenas eu e quatro feridos chegamos ao forte de Bela Vista. Parece que vagamos por muito tempo. Solano Lopez já havia perecido, mas eu sabia que a guerra não havia acabado. Chamaram-nos de loucos. Doentes da guerra. Desertores. E por algum tempo, temi que estivessem com a razão, desejei que estivessem com a razão (Souza, 2020, s/p, grifo nosso).

³ Tânia Souza é natural de Bela Vista (MS), é professora, poeta e escreve literatura para infância, contos que passeiam pelo insólito, ficção científica e realismo fantástico. Participa do coletivo Mulherio das Letras, do Coletivo Tarja Preta e dos grupos de leitura Vórtice Literário e Leia Mulheres. Produziu o curta de animação A bruxinha com roteiro adaptado do e-book Era uma vez, ambos realizados com o apoio da Lei Aldir Blanc. O curta explora os possíveis caminhos do medo e o poder transformador da arte e da imaginação. Foi uma das vencedoras do Prêmio Ipê de Literatura 2021 com o livro A encantada. Publicou os livros Fabulário de Estrelas (contos) Entre as rendas dos ossos e outros sonhos desabitados (poesia), De(s)amores e outras ternurinhas (poesia), Estranhas Delicadezas (contos), Microficções e outras fantasmagorias poéticas (contos) e na literatura para infância, os livros Um gato no jardim e Bichinhos da horta.

A violência da Guerra transborda no texto e desvia o olhar do inimigo e volta-se aos traumas e angústias de um soldado desconhecido que, consumido pelo remorso, tenta explicar por que se tornou um desertor. As angústias relacionadas a Guerra da Tríplice Aliança, um fato extremamente importante na formação histórica e social de Mato Grosso do Sul, surgem na narrativa epistolar de forma que busca aproximar o leitor das perversidades da guerra apresentadas por esse personagem corroído pelas dores da batalha, subvertendo assim a narrativa típica dos vencedores.

Mas nada, nada me prepararia para a batalha de Acosta Ñu. (...)

Os gritos. As súplicas. E as espadas... Acosta Ñu não deveria ter acontecido, caro amigo, e jamais seremos perdoados por isso. (...)

Enquanto guerreávamos, o cheiro da morte empesteara os ares como nunca dantes aquelas terras viram. A fome de sangue, a dor dos que matavam e morriam sem saber o porquê. Ali, no fervor pútrido da batalha, o ar espalhava o odor da carne queimada das mãos e dos sobreviventes, ali, em meio ao vapor e às dores da luta, conheci o inferno. O reino do maligno estava entre nós. (...)

Ainda ontem, despertei de um pesadelo sombrio, mas acordar não significa estar livre. Sob as sombras da noite, aqueles olhos vagam em meu quarto, e mesmo acordado, ainda posso ouvir os lamentos e o som dos sabres caindo sobre pescoços infantis. (...) (Souza, 2020, s/p).

A formação do Estado brasileiro teve como alicerce a violência e principalmente, nos territórios fronteiriços, se tornou marcante devido as heranças da guerra. Tânia Souza nos apresenta não um soldado comemorando a vitória e sim um soldado brasileiro

transtornado, indeciso em afirmar se seriam reais ou alucinações os fatos narrados nessa carta. Dar espaço a violência vivenciada nessas terras, suas marcas e injustiças seria uma forma de expor uma dor coletiva nem sempre à tona.

Essa mesma violência aparece no texto de Nantes (2010) sob a ótica do vitorioso, do brasileiro que, na luta diária tenta sobreviver longe de casa, longe da guerra, mas ainda assim, é alcançado por ela; enquanto Tânia Souza apresenta o paraguaio como vítima e denuncia a violência exacerbada de Acosta Nu, centralizando a narrativa nos relatos do soldado desertor, Aglay Trindade Nantes mostra a opressão contra os brasileiros que fugiam da guerra. Nesse cenário, os paraguaios são descritos de uma forma mais brutalizada, aproximando-se da tentativa de construir um inimigo também no texto literário, o que no texto de Nonato é alguém que se tentou rotular como criminoso, mas deixou lembranças na memória local: “O soldado paraguaio deixou em Vila Pequena um morro, um córrego, uma estrada, dois filhos e uma arpa, e é claro, uma vontade de dançar um baile” (Nonato, 2017, p. 34).

Os três textos imbricam-se no espaço da narrativa, no cenário de violência e na proximidade com o final da guerra ao expor os conflitos diversos na comunidade local, anteriormente relações comuns em espaços fronteiriços. A memória coletiva reconstitui esse fato histórico em que novos tons e visões são ou não postas junto ao leitor resignificando inimigos e heróis pela ficcionalização desse episódio ainda não tão contado da história do Brasil.

4 CONSIDERAÇÕES

Muito do que se conheceu da história da Guerra da Tríplice Aliança, Guerra do Paraguai, Grande Guerra, Guerra da Tríplice entente, ressaltando que a nomeação é algo simbólico e subjetivo de acordo com o ponto de quem conta história, foi o que nos foi contado em registros de guerra e na célebre obra de Visconde de Taunay, “A retirada da Laguna”, mas a guerra no imaginário é transbordada pela literatura através dessa memória coletiva que é revisitada, rearranjada, reconstituída. Deste modo, novas perspectivas são criadas pelos sujeitos-autores, dentro desse lócus regional.

Como afirma Polesso (2010, p. 129) “Se a regionalidade na literatura é uma metonímia da realidade, a perspectiva cultural do sujeito-escritor é fator fundamental de seu processo de escrita.”, afinal para que essa verossimilhança na vivência da guerra revisitada se dê, é condicionante que se conheça, ainda mais pela memória popular e seus traumas ainda existentes.

As três autoras escolhidas: Tania Souza, Aglay Trindade Nantes e Gleycielli Nonato, nascidas nesse sul de Mato Grosso e descendentes dessa memória coletiva da guerra, recriam e refletem sobre essa memória presente na formação do Estado de Mato Grosso do Sul, em que cabe à ficção gerar/criar documentos que fundarão a memória social local.

Referências

ARENDDT, Hannah. **Sobre a violência**. Civilização Brasileira, 2022.

BERND, Zilá; DUARTE, Kelley Baptista. Da memória cultural à memória saturada: revisão dos conceitos na perspectiva de Régine Robin.

Memória social: revisitando autores e conceitos. Canoas (RS): Editora Unilasalle, p. 39-54, 2018.

GINZBURG, Jaime. **Crítica em tempos de violência**. São Paulo: EDUSP, 2012.

MOTA, Carlos Guilherme. História de um silêncio: a guerra contra o Paraguai (1864-1870) 130 anos depois. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 9, n. 24, p. 243-254, 1995. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8877>. Acesso em: 08/09/2023

NANTES, Aglay Trindade. **Morro Azul**: Estórias Pantaneiras. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico, 2010.

NONATO, Gleycielli. Morro do Criminoso. In: **Vila Pequena**: Causos, contos e Lorotas. Campo Grande, MS/FCMS: Life editora, 2017.

PELLEGRINI, Fábio; SENA, Melly Fatima Goes (orgs.). **Vozes da Literatura**. Campo Grande, Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2014

PELLEGRINI, Tânia. As vozes da violência na cultura brasileira contemporânea. **Crítica marxista**, v. 2, n. 21, p. 132-153, 2005. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/critica21-A-pelegrini.pdf Acesso em: 07/09/2023

PERROT, Michele. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad. Viviane Ribeiro. São Paulo: EDUSC, 2005.

POLESSO, Natalia Borges. Regionalismo: a zona crepuscular da literatura. **Anuário de Literatura**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 117-132, 2010. DOI: 10.5007/2175-7917.2010v15n2p117. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/a>

rticle/view/2175-7917.2010v15n2p117. Acesso em: 29 fev. 2024.

PONTES, José Couto Vieira. **História da Literatura Sul-Mato-Grossense**. São Paulo: Editora do Escritor Ltda., 1981.

ROSA, Maria da Glória de Sá; NOGUEIRA, Albana Xavier. **A literatura sul-mato-grossense na ótica de seus construtores**. Campo Grande, MS: Fundação de Cultura de Mato Grosso do sul, 2011.

SOUZA, Tânia. E eles vieram com o amanhecer. In. **Coisas de Cá** [online], 2020. Disponível em: <<https://tanciasouzams.blogspot.com/2013/02/era-uma-vez.html>>. Acesso em: 13 de dezembro de 2020.

SQUINELO, A. P. **Revisões historiográficas: a guerra do Paraguai nos livros didáticos brasileiros** - PNLD 2011. *Diálogos*, v. 15, n. 1, p. 19-39, 17 mar. 2017.

SQUINELO, Ana Paula. Nesta “efeméride” o que temos a comemorar? O ensino de História e a Guerra do Paraguai 150 anos depois - análise da Coleção Didática Projeto Radix: História (PNLD 2014). *Historiæ*, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 262-295, 2014. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/4814>. Acesso em: 08 ago. 2023.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.